



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

VISITA A SÃO JOÃO DEL-REI

Entrega de condecorações
São João del-Rei, MG
21 de abril

Em São João del-Rei, lugar onde nasceu Tiradentes, morre Tancredo Neves. Os dois viveram o mesmo sonho de liberdade. Tiradentes defendeu a independência do País e Tancredo Neves lutou para conseguir um novo tempo da República.

21 de abril — O Presidente José Sarney recebe o Grande Colar da Inconfidência, a ser concedido também ao falecido Presidente Tancredo Neves, e entrega a D. Risoleta Neves, o Grande Colar da Ordem Nacional do Mérito.

Antes de começar o meu discurso, duas palavras de agradecimento ao povo de São João del-Rei pela carinhosa e afetuosa acolhida com que me recebeu nesta ensolarada manhã das Minas Gerais. Agradecimento ao governador Hélio Garcia, pela gentileza de convidar-me para presidir a este ato. Ao senhor prefeito Cid Valério, pelas palavras aqui proferidas. E um agradecimento muito especial à família Neves, na pessoa de Aécio Neves, que aqui foi seu intérprete. Aécio Neves, que acompanhou com tanta ternura, com tanta amizade, com tanto carinho Tancredo Neves nos últimos anos de sua vida, assistindo-o nas alegrias, dando-lhe alegria e assistência. Aécio Neves, que continua

no seu talento de jovem a vocação política do seu avô e que tem prestado excelente colaboração à Nova República.

Meus compatriotas, há dias fortes da História. Dias que flutuam na eternidade como marcas indeléveis no destino dos povos. Esta data, 21 de abril, é um instante de glória na permanência da nacionalidade.

Ela se renova no tempo, a iluminar os mesmos valores que são os valores transcendentais do homem: a liberdade e a busca pelo bem comum.

A morte de Tancredo Neves, quase duzentos anos depois, nesta mesma data, o seu corpo repousando no mesmo chão onde Tiradentes abriu os olhos para a vida, junta os dois tempos num só tempo, estuário onde os brasileiros recorrem à invocação dos exemplos, para guia e farol das gerações presentes e gerações futuras.

Lembro a fria noite em que os sinos das catedrais de Minas guardavam o silêncio das horas amargas, para que Tancredo Neves repousasse para sempre no solo sagrado de São João del-Rei.

O corpo repartido de Tiradentes arde até hoje, exposto nas estradas do tempo, sangrando para que a liberdade seja lembrada todos os dias, todas as horas, todos os instantes, convidando à vigilância e ao testemunho. Liberdade que não se esgota nos direitos subjetivos do homem, mas na liberdade que assegura a cada brasileiro comer, educar-se, habitar, vestir-se, desfrutar dos saberes, ter direito à felicidade, ao trabalho, a viver com dignidade, a não ter medo, a questionar, a invocar a Deus, não ser discriminado pela cor, pela condição social, pela idade e pelas convicções.

A liberdade dos Inconfidentes foi a primeira vela. O seu clamor de justiça é o nosso clamor, a sua luta pela igualdade é a luta de todos nós porque é um legado indelutável da Nação.

O nosso compromisso com os ideais permanentes do País se renova cada dia. E este é o sentido da Inconfidência, que revive nas gerações que se sucedem e se sucede na luta das gerações. As nossas conquistas são os sonhos materializados dos nossos mártires.

O réu declarado infame é o Patrono da Nação. As suas práticas, as práticas da liberdade. O seu exemplo, a aspiração que nos anima. Aqui por onde pregou, no seu «sonho enlouquecido de herói», como lembrou o impecável Tancredo Neves, como ele combatente da liberdade, ecoou a voz que se expandiu e conquistou.

Tiradentes sonhou e quis a liberdade da Nação. Tancredo fez a liberdade do povo. Tiradentes, a futura independência, Tancredo os momentos de um novo tempo da República — liberdade do País e liberdade do povo se completam e se nutrem mutuamente.

Ouçó o tempo no lugar em que estou e penso: Os séculos se juntam nos destinos de uma nação que se guia à sombra, vida e morte de dois homens que percorreram caminhos semelhantes, sinais traçados com os mistérios da mão de Deus.

Tiradentes não desembocou no êxito e na vitória. Alfes, homem do povo, resumiu seu destino na gloriosa despedida: *Adeus! Que trabalhar vou para todos!* Outra coisa não foi a sua trajetória e não é a trajetória da vida pública, trabalhar para todos.

A Inconfidência de 1789 foi sonho feito realidade em 1822; apenas porque alguns ousaram sonhar. Homens e mulheres generosos desta Minas Gerais, cujas riquezas iam mover o carro de outras histórias.

Homens e mulheres que vivem hoje no coração de cada um de nós, brasileiros, com os olhos de interrogação ao ver o cadafalso como recompensa, pela ousadia de poder sonhar.

Homens como Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga, inconfidentes inspirados e secundados por mulheres, as mulheres da Independência, quase esquecidas, hoje vivas na poesia atrás de nomes delicados de pastoras: Nise, Marília, Ifigênia, Amanda, Isabel, Juliana, Bárbara Heliodora... e nas mulheres da Nova República, em Risoleta Neves.

Aquele tempo é o início da nossa história independente nestas serras cheias de recordação, nestas cidades de muros venerandos e em todo o Brasil. É o primeiro lampejo

da consciência da condição colonial do Brasil, da necessidade da mudança, da possibilidade de passar de uma etapa para outra etapa. É a primeira grande abertura da inteligência brasileiras às idéias do mundo. A primeira abertura do saber universal. É a primeira grande rebeldia contra a tutela imposta contra o despotismo irredutível. A primeira grande lição da nossa História, que o povo brasileiro aprendeu para sempre.

Minas Gerais tem passado. Esta porção da Pátria, berço do Brasil, nascedouro da liberdade, jamais se curvou. E foi na luta contra a tirania que aprendeu que a liberdade não é uma dádiva, mas uma conquista diária, uma luta que custa um grande sofrimento. O valor da liberdade é o preço que se pagou para obtê-la, e o uso que dela se faz.

Terra dos Inconfidentes, Minas não parou sua tradição de oferecer ao País outros homens que conduzissem sua história, armados das virtudes mais caras a esta gente: o espírito empreendedor, a retidão, a conciliação e a prudência, que transformam a força em coragem e o destemor em sabedoria. É o dever da intransigente rebeldia nas horas necessárias, numa grande paz.

Síntese geográfica do Brasil, com suas serras e campos aguados pelos vales férteis por onde correu o povoamento, com seu cerrado e seu sertão, Minas é uma imagem forte do Brasil, transposta com gênio à literatura dos árcades a Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Afonso Arinos, o moço, e tantos outros.

É a esta terra grandiosa, que traz orgulho a todos os brasileiros, e ao seu povo valeroso que rendo minha homenagem, nesta data maior da nacionalidade.

Povo de São João del-Rei.

O vento soprou as flores que há um ano colocamos sobre o mármore que veio cobrir o sono eterno de Tancredo Neves. O tempo secou as nossas lágrimas, que foram saudade e inspiração para os dias difíceis que se seguiram do seu desaparecimento.

Essa saudade e essa inspiração trouxeram-me ao lado do túmulo do fundador da esperança e do pai da conciliação do Brasil moderno.

Sei que Tancredo levou, para a sua vida pública, os exemplos bebidos na crônica de coragem e honradez que o povo são-joanense vem construindo há três séculos.

Nenhum homem nasce grande de um povo que seja pequeno, ninguém se eleva aos patamares mais altos da nacionalidade senão com o impulso tomado em seu próprio torrão natal, com a têmpera forjada ao murmúrio dos pátrios rios, e aqui nas águas do rio das Mortes.

Meus compatriotas,

Disse Tancredo Neves: «Não nos dispersemos».

E nós não nos dispersamos. Estamos todos aqui: unidos ao povo brasileiro no sonho, na coragem, na identidade de propósito, no bom combate, na evocação da liberdade e na louvação de Minas.

Honra a Tiradentes, glória a Tancredo.